

É psicóloga há 17 anos e perita em avaliação psicológica forense. Trabalha com menores vítimas de abuso sexual e confirma que existem memórias falsas, mas que são os adultos que sugestionam as crianças. Por **Vanda Marques e Ricardo Meireles** (fotos)

CATARINA RIBEIRO

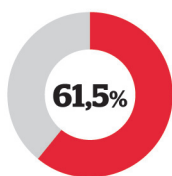
“O testemunho da criança deve ser tratado como impressão digital”



A primeira vez que Catarina Ribeiro se apresenta a uma criança diz-lhe que está ali para a ouvir. Quer saber o que ela tem para contar. Podem ser coisas boas ou más. Psicóloga forense no Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, no Porto, docente da Universidade Católica Portuguesa e do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, diz que não consegue ficar indiferente aos casos de abuso sexual com que lida todos os dias.

O mais difícil? A frustração. Não é fácil ver um caso ser arquivado quando o testemunho é verdadeiro e a criança vai ser, de novo, colocada numa situação de abuso. Defende que um protocolo de entrevistas bem estabelecido e definido beneficia os processos judiciais. E que existem erros que conduzem as crianças a respostas incorrectas. Com 39 anos, mãe de um filho de 11, esteve este mês no encontro “Como Lidar com Situações de Abuso e Negligên-

F *“A regra é: não sugestionar a criança. Ou seja, fazer sempre perguntas abertas, como: ‘Conta-me o que aconteceu’”*



das vítimas de abuso sexual têm entre 8 e 13 anos, segundo o Relatório Anual de Segurança Interna, referente a 2015

cia na Infância?”, na Universidade Católica do Porto.

O testemunho de uma criança vítima de abuso deve ser considerado uma prova tão importante como a de ADN? Porquê?

O discurso é a prova de grande parte dos crimes de abuso e não deve ser contaminado. Não há sinais físicos dos abusos em 90 e tal por cento dos casos. Resta-nos o testemunho da criança, que deve ser tratado como uma impressão digital ou uma gota de sangue. Assim como existem estratégias para proteger estas provas físicas, o mesmo deve acontecer com o depoimento de uma criança. Evitando que os processos sejam arquivados porque a prova não é consistente. Não estou a falar de termos mais condenações, refiro-me a facilitar o trabalho dos magistrados.

Alguma coisa pode contaminar esta prova?

Há formas correctas e incorrectas de

colocar questões às crianças. A correcta seria perguntar tudo o que aconteceu num determinado período, esperar que a criança nos dê informação sobre o que aconteceu e a partir daí, perguntar mais. Imagine que ela diz: ‘Eu vivo em casa com o meu tio, a minha mãe e o meu avô.’ A pergunta seguinte é: ‘Então fala-me mais sobre o teu tio.’ Normalmente, já temos a informação sobre quem é o suspeito. Isto é muito diferente de perguntar: ‘Vives com o teu tio? E ele alguma vez te fez mal?’ Isto é uma pergunta sugestiva, que está a limitar as possibilidades de resposta daquela criança.

As crianças são muito sugestionáveis?

Sim. A faixa etária em que são mais sugestionáveis é até aos 5 anos. Por isso é que quanto mais nova mais cuidado para não se fazer perguntas

sugestivas. Aqui, no Instituto de Medicina Legal, adaptamos um protocolo cuja regra é: não sugestionar a criança. Ou seja, fazer sempre perguntas abertas. Conta-me o que aconteceu, fala-me mais sobre esse assunto... Quem está a recolher informação, não dá informação à criança.

Porque é que isto é importante?

As crianças partem do princípio de que os adultos sabem sempre mais sobre o que se passa na vida delas do que elas próprias. E quando são questionadas para dizer alguma coisa sentem pressão para dizer o que lhes sugerem. Por exemplo, ao perguntar “Aconteceu no quarto ou na cozinha?” não damos mais nenhuma hipótese, o miúdo vai dizer uma das duas, mesmo que errada.

É verdade que os miúdos podem ter memórias falsas?

Sim. É possível acharmos que realizámos situações que não vivenciámos porque alguém nos sugestionou e nos contaminou a memória. A memória é muito emocional, contamina-se pelas nossas vivências relacionais. Há muita investigação que comprova isto. As falsas alegações resultam sobretudo não de uma invenção da própria criança, mas da contaminação do discurso da criança por um adulto. Há pessoas que, intencionalmente, ou não, fazem a criança acreditar que determinada ocorrência aconteceu, ou interpretam determinados comportamentos como abuso. Isto acontece sobretudo com crianças até aos 5 anos. E quanto mais significativa é a pessoa que sugestiona, mais a criança acredita que aquilo pode ter acontecido.

Como é que um psicólogo detecta uma memória falsa?

A *“A psicóloga tem 39 anos e trabalha na área forense desde 1999”*

F *“Sobre os detalhes existe um grande mito: quanto mais detalhado é o relato da criança, mais verdadeira é a acusação”*

Uma das questões importantes é percebermos o contexto em que surge esta alegação. De onde vem? Existe conflito entre os adultos envolvidos? O território frequente para o aparecimento de falsas alegações são os conflitos parentais. Não é só em Portugal. É uma realidade internacional. É um ponto a ter em conta. Depois fazemos a avaliação global da criança. Importa saber quando começou a andar, a falar, quem eram as pessoas que cuidavam dela. O seu desenvolvimento vai-nos permitir perceber o estado em que ela se encontra neste momento. É impossível avaliarmos um acontecimento, olhando apenas para esse acontecimento. Temos de fazer uma trajectória da vida da criança para perceber o impacto.

Pode dar um exemplo?

Imagine que o pai nos diz que a sua

► filha lhe contou que foi abusada pelo tio materno e explica-nos uma história muito detalhada. A seguir vou avaliar aquela criança de 8 ou 9 anos, para perceber as suas capacidades narrativas. Por exemplo, pedimos que descreva um acontecimento neutro, à escolha dela, sobre a escola, amigos. Aí percebo se existe uma discrepância entre a forma como a criança descreve um acontecimento neutro e a forma como o pai relata aquilo que a criança disse. Se ela não consegue manter uma estrutura narrativa de tempo numa história simples, dificilmente o terá dito ao pai.

Se não descreve o episódio com detalhes?

Sobre os detalhes existe um grande mito: quanto mais detalhado é o relato da criança, mais verdadeira é a acusação. Os relatos das crianças tendem a ser curtos e breves. O mais importante no grau de detalhe é se é centrado na situação abusiva, se descreve sensações corporais.

Por exemplo?

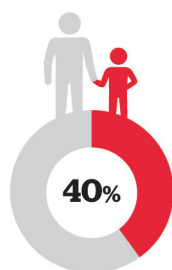
Imagine que a criança descreve que dá beijos numa determinada parte do corpo de um adulto e descreve a textura dessa parte do corpo, o sabor, uma sensação física. É muito difícil para uma criança que nunca passou por uma situação dessas descrever essa sensação física, o que sentiu. Já falar nos detalhes periféricos é muito enganador.

Porquê?

Esses detalhes são: de que cor era o tecto, a porta estava aberta ou fechada, a colcha da cama onde estavam era verde ou vermelha. As pessoas têm-se agarrado a estes detalhes para descredibilizar os discursos das crianças, mas isso não é o mais importante. Há uma coisa que nos ajuda a compreender. Se estiver a assistir a um acidente na rua e se lhe perguntarem coisas periféricas – quantos postes de electricidade havia ali, se o neón do cabeleireiro em frente tinha letras vermelhas ou não –, acha que se vai recordar disso? O que vai lembrar são os gritos, a ambulância. As questões sensitivas são as centrais para descrever a situação.



▲ Catarina Ribeiro está a concluir o doutoramento em Psicologia sobre Tomada de Decisão Judicial em processos que envolvem crianças abusadas



dos agressores são familiares das vítimas, refere o Relatório Anual de Segurança Interna, de 2015. Foram detidos 133 homens e 4 mulheres por abuso sexual de crianças, menos 17 que em 2014

Como é que uma criança pequena entende um abuso? Tem noção do que aconteceu?

Há muitos miúdos que estão a ser abusados e não sabem. A criança não consegue perceber o que se passa. Um toque na zona genital que não provocou dor física, para um miúdo de 3 ou 4 anos, pode ser confundido com higiene. Também depende de como o abuso é apresentado, dizem que é uma “brincadeira”, “meiguice”, “uma mensagem”.

E à medida que crescem, a consciência também muda?

Há uma idade fronteira de embaraço social, por volta dos 4 anos, quando começam a ter vergonha dos estranhos, de mudar de fato de banho na praia e sentem que invadem o seu espaço vital. É muito importante ensinar as crianças a serem autónomas com o corpo e a reconhecerem os limites, o que não devem permitir. É proibido provocar mal-estar no corpo sem razão médica ou de higiene. Muitas crianças nem sabem nomear o que lhes

aconteceu, não sabem o que é uma ejaculação, dizem apenas que viram uma coisa a sair, mas não sabem o que era. Além disso, os abusadores incitam ao segredo. É frequente haver ameaças, se contar vai ser pior para ela ou alguma coisa de mal vai acontecer a alguém que ela gosta.

As entrevistas são agora melhor conduzidas?

Sim, mas o processo pode ser agilizado com medidas concretas: a criança deve ser ouvida o mais brevemente possível, a audição deve ser gravada para julgamento, isso evita perda de memória de informação. O mais importante é que a recolha de informação seja feita de forma adequada. Nas declarações para memória futura tem de estar presente o representante do arguido, o juiz, o procurador, o oficial de justiça, a criança e um técnico que possa dar assistência à criança. A questão é que temos muitas metodologias diferentes a serem usadas. Nuns sítios é o técnico que questiona, noutros o juiz. Aqui, no Instituto de Medicina Legal do Porto, temos uma sala adaptada para declarações para memória futura. Um perito faz a recolha com a criança e do outro lado do espelho estão o resto das pessoas. Assim a criança não se sente questionada em frente a toda a gente.

Como lida com casos em que percebe que o testemunho da criança sobre o abuso é verdadeiro, mas acaba arquivado?

E a criança continua em perigo na mesma... É uma frustração muito grande, porque a preocupação é a protecção da criança. Uma das coisas que os psicólogos têm de saber é gerir a frustração... Quem trabalha com problemas complicados, tem de saber fazê-lo. Primeiro penso no que poderia ter feito de diferente, após essa análise tento perceber se tudo aconteceu dentro do que era suposto. Depois tenho de pensar que da próxima vez vai correr melhor. Se assim não for, ninguém consegue trabalhar nesta área. ◼